

Literacia Mediática na promoção do Envelhecimento Ativo: Reflexão teórica

Joana Bernardo

(PhD Student, Faculty of Psychology and Educational Sciences, University of Coimbra; The Health Sciences Research Unit: Nursing (UICISA: E), Nursing School of Coimbra (ESENfC), 3000 Coimbra, Portugal)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3614-9061>

(joanabernardo@esenfc.pt)

Ricardo Loureiro

(PhD Student, Faculty of Psychology and Educational Sciences, University of Coimbra; The Health Sciences Research Unit: Nursing (UICISA: E), Nursing School of Coimbra (ESENfC), 3000 Coimbra, Portugal)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6135-2278>

(ricardoloureiro1@esenfc.pt)

Hugo Loureiro

(Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, 3004 Coimbra, Portugal)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3287-8718>

(handre.loureiro.1@gmail.com)

Elaine Santana

(The Health Sciences Research Unit: Nursing (UICISA:E), Nursing School of Coimbra (ESENfC), 3000 Coimbra, Portugal)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5550-8018>

(elainesantana@esenfc.pt)

Rosa Silva

(The Health Sciences Research Unit: Nursing (UICISA:E), Nursing School of Coimbra (ESENfC), 3000 Coimbra, Portugal)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3947-7098>

(rosacsilva@esenfc.pt)

Joana Bernardo (short bio): Concluiu a Licenciatura em Enfermagem em 2012, pela Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, e o Curso de Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem de Reabilitação, pela Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, em 2018. Frequenta o Doutoramento em Ciências da Educação – especialidade de Educação, desenvolvimento comunitário e formação de adultos –, pela Universidade de Coimbra – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. É bolseira de Investigação na Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem (UICISA: E), na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Atua na área das Ciências da Saúde com ênfase no domínio de Enfermagem, bem como na Educação e formação de adultos.

Ricardo Loureiro (short bio): Concluiu a Licenciatura em Enfermagem em 2010 pela Escola Superior de Enfermagem de Coimbra e o Curso de Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem de Reabilitação em 2020 pela Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viseu. Desde 2020, é doutorando em Ciências da Educação, especialidade de Educação, desenvolvimento comunitário e formação de adultos. Atualmente, é bolseiro de Investigação na Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem (UICISA: E), na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Atua na área das Ciências da Saúde com ênfase no domínio de Enfermagem, bem como na Educação e formação de adultos.

Hugo Loureiro (short bio): Concluiu a Licenciatura em Enfermagem em 2010 pela Escola Superior de Enfermagem de Coimbra e o Mestrado em Gestão e Economia da Saúde pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, em 2014. Em 2022 concluiu o Curso de Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem de Médico-Cirúrgica pela Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. É enfermeiro no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra e Assistente Convidado na Escola Superior de Saúde de Leiria.

Elaine Santana (short bio): Investigadora de Pós-Doutoramento na Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem (UICISA: E), na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Doutorada e Mestre em Memória pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) (2020 – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, na linha de pesquisa Memória, Envelhecimento e Dependência Funcional – Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória) com realização de Estágio de Doutorado Sanduíche na Universidade de Évora (Escola Superior de Enfermagem São João de Deus, 2018-2019). Foi docente na disciplina de Cuidados em Saúde do curso de Enfermagem no Centro Universitário de Tecnologia e Ciências (UniFTC) de Vitória da Conquista. É investigadora vinculada ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa sobre Envelhecimento Humano – NIEPEH/UESB.

Rosa Silva (short bio): Doutorada em Enfermagem; Especialista em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiatria; Pós-Graduada em Supervisão Clínica e Mestre em Enfermagem. Investigadora júnior na Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem (UICISA: E), na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Atualmente é responsável pelo eixo estratégico da UICISA:E no que diz respeito à Extensão à Sociedade e ao envolvimento do público e dos doentes. Professora auxiliar no Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa, Porto (2012 a 2020). Colaborou em várias unidades curriculares no âmbito da Licenciatura em Enfermagem, Curso de Especialização em Saúde Mental e Psiquiatria, e no mestrado em Gerontologia e Cuidados Geriátricos. Trabalhou como enfermeira de cuidados gerais em contexto de cirurgia geral (2003 a 2012).

Submissão: 31/05/2022

Aceitação: 01/11/2022

Literacia Mediática na promoção do Envelhecimento Ativo: Reflexão teórica

Resumo (PT): A Educação contribui para potenciar a transformação individual e comunitária. Associados a este processo, constata-se atualmente alguns fenómenos educativos, como a Educação e Literacia Mediáticas. Importa clarificar de que forma a Educação e a Literacia Mediáticas podem influenciar o processo de Envelhecimento, nomeadamente o seu propósito, bem como os desafios que se colocam, e refletir sobre esse processo, no sentido de promoção do Envelhecimento Ativo. Realizou-se uma revisão narrativa, tendo como finalidade descrever o estado da arte, de forma a realizar-se uma análise crítico-reflexiva. É premente reconhecer a Educação e Literacia Mediáticas como promotoras do exercício de um conjunto de ações caracterizadoras de sociedades democráticas, de uma cidadania participativa e crítica, reconhecendo a autonomia individual e a qualidade de vida, de todos os indivíduos, independentemente da idade.

Palavras-chave: Envelhecimento Ativo; Educação; Educação e Literacia Mediáticas.

Media Literacy in Promoting Active Aging: Theoretical Reflection

Abstract (EN): Education contributes to enhancing individual and community transformation. Associated with this process, there are currently some educational phenomena, such as Education and Media Literacy. It is important to clarify how Education and Media Literacy can influence the Aging process, namely its purpose, as well as the challenges that arise, and reflect on that, in the sense of promoting Active Aging. A narrative review was carried out, with the aim of describing the state of the art, in order to carry out a critical-reflexive analysis. It is urgent to recognize Media Literacy as a promoter of a set of actions that characterize democratic societies, as well as promoter of a participatory and critical citizenship, recognizing individual autonomy and the quality of life of all individuals, regardless of age.

Keywords: Active Aging; Education; Education and Media Literacy.

INTRODUÇÃO

O Século XXI tem demonstrado constituir-se como um grande e respeitável desafio para o desenvolvimento das sociedades a nível mundial. Nos últimos anos, tem-se assistido efetivamente a um conjunto de alterações sociais, económicas, políticas e culturais, que comprometem a dinâmica populacional e a forma de ser e de estar em sociedade (Biesta, 2018).

Direcionemos a discussão no que concerne ao envelhecimento da população, ao condicionar uma reflexão acerca do modo como estão organizadas as políticas de saúde e de educação

Por meio do processo de Envelhecimento, a qualidade de vida, o bem-estar e a autonomia individual podem estar comprometidos, pelo que a comunidade científica procura identificar, analisar e discutir eventuais formas de possibilitar um alívio destes fatores ao longo de todo o processo, nomeadamente na promoção de um processo de Envelhecimento Ativo (Nunes, 2015).

Numa outra perspetiva, a definição de Educação que é partilhada por muitos autores na atualidade prende-se especificamente com a aquisição de conhecimento dos indivíduos que, por sua vez, lhe atribuem um determinado significado e serve para os capacitar e transformar, de forma a exercerem posteriormente a sua ação em comunidade, na interação com as outras pessoas (Calleja, 2008). Numa outra perspetiva, a qualificação, em associação com a socialização e subjetivação, constitui-se fundamental na procura de um enquadramento concetual mais amplo do fenómeno educativo, em que a importância de ser e estar no mundo assume uma condição ímpar (Biesta, 2018).

Nesta linha de pensamento, e associada ao conceito da Educação, constata-se a existência de um conjunto de fenómenos educativos, nos quais poderemos incluir a Educação e Literacia Mediáticas e que exigem uma adequada reflexão no contexto atual e no domínio de intervenção das Ciências da Educação (Verger, 2019).

Estas considerações contribuem para a discussão em torno da importância sobre a função social e individual da Educação, podendo ocorrer em muitos contextos e ao longo da vida de cada pessoa, inserida numa comunidade de uma determinada sociedade. É premente o conhecimento dos diferentes fenómenos educativos presentes na atualidade e o contributo que possam eventualmente oferecer na forma de ser e estar em contexto comunitário. Numa visão mais objetiva, impõe-se esta reflexão em torno da Literacia Mediática, que iremos aprofundar posteriormente.

Desta forma, importa clarificar, com uma subsequente reflexão, de que forma a Educação e a Literacia Mediáticas podem influenciar o processo de Envelhecimento, nomeadamente o seu propósito, bem como os desafios que se colocam, quer numa ótica individual, quer, sobretudo, em contexto social, no sentido de promoção do Envelhecimento Ativo.

1. SELEÇÃO DO *CORPUS* TEÓRICO

Realizou-se uma revisão narrativa da literatura, com o propósito de conhecer e analisar o estado da arte, do ponto de vista teórico e contextual, a partir da leitura integral dos estudos selecionados (Rother, 2007; Henry *et al.*, 2018). Esta seleção dos estudos ocorreu através da sua leitura e análise, resultando em categorias temáticas, que são exploradas *a posteriori*.

De forma a obterem-se os estudos para análise, realizou-se a estratégia de pesquisa com recurso às bases de dados MEDLINE (via motor de buscar PubMed) e ProQuest. Não foi considerado nenhum horizonte temporal e contemplaram-se artigos escritos nas línguas espanhola, inglesa e portuguesa. As palavras de texto contidas nos títulos e resumos de artigos relevantes e os termos de indexação identificados foram usados para desenvolver uma estratégia de pesquisa, com os termos “*healthy aging*”, “*education*”, “*aging*” e “*literacy*”. Em 4 de abril de 2022, obtiveram-se 74 resultados. Com base nos títulos, foram excluídos 20 estudos e, com a leitura dos resumos, foram excluídos mais 42, por não darem resposta ao objetivo em estudo, ou seja, por não abordarem nem descreverem de que forma a Educação e a Literacia Mediáticas podem influenciar o processo de Envelhecimento, nomeadamente o seu propósito, bem como os desafios que se colocam, nomeadamente no sentido de promoção do Envelhecimento Ativo.

Restaram 12 estudos para leitura, a que se juntaram mais seis, que considerámos serem pertinentes para o tema e que foram selecionados através das referências bibliográficas dos anteriores. Com a leitura integral dos estudos, desenvolveu-se a análise e reflexão, considerando as seguintes categorias: i) envelhecimento humano e a sua evolução; ii) qualidade de vida no processo de envelhecimento; iii) Educação e Literacia Mediáticas no processo de envelhecimento.

2. ENVELHECIMENTO HUMANO E A SUA EVOLUÇÃO

Ao longo das últimas décadas, temos assistido a um profundo envelhecimento da população, justificando-se esta tendência pela conciliação de diversos fatores, tais como

o aumento da esperança de vida dos indivíduos, a diminuição progressiva das taxas de natalidade e a melhoria das condições económicas e sociais das pessoas (Mateus & Alves, 2018).

Em Portugal, tal como na Europa, verifica-se uma tendência de envelhecimento demográfico, com um crescente aumento de pessoas idosas (pessoas com 65 e mais anos) e um decréscimo de jovens (pessoas dos 0 aos 14 anos) e de pessoas em idade ativa (dos 15 aos 64 anos). Em 2019, e relativamente a 2014, verificou-se em Portugal uma diminuição de 93 256 jovens e de 160 914 pessoas em idade ativa. Por outro lado, o número de pessoas idosas aumentou em 175 257 (INE, 2020). De acordo com os resultados provisórios dos Censos (2021), na última década, o país registou um decréscimo populacional de 2,1%, verificando-se, também, o fenómeno de envelhecimento da população, com o aumento expressivo da população idosa e a diminuição da população jovem, existindo em 2021 182 idosos por cada 100 jovens. Esta tendência verifica-se, também, a nível europeu, onde, em 2021, existiam 20,8% de pessoas com 65 ou mais anos (OCDE, 2021).

Com o crescente envelhecimento da população, constata-se que são cada vez mais frequentes as investigações que surgem, direcionadas ao seu estudo e caracterização. A este respeito, é premente associar o conceito de Envelhecimento às implicações que lhe estão inerentes.

O Envelhecimento caracteriza-se por um processo dinâmico e multidimensional, que ocorre ao longo de todo o ciclo de vida (Lima, Oliveira & Godinho, 2011), em que se verificam alterações biológicas, psicológicas e sociais (Fechine & Trompieri, 2012).

As alterações biológicas observam-se pelo aumento da ocorrência de comorbilidades, podendo variar entre os indivíduos, e estão relacionadas com as alterações no funcionamento dos sistemas e órgãos do corpo humano (Mota-Pinto, Rodrigues, Santos-Rosa & Oliveira, 2019). Relativamente às repercussões psicológicas, para além da diminuição da capacidade de raciocínio e memória, estas estão associadas também às alterações biológicas, podendo verificar-se algumas alterações mentais e comportamentais (Fechine & Trompieri, 2012; Lima *et al.*, 2011). De acordo com Sequeira (2010), no âmbito social, constata-se uma alteração e diminuição na participação social, relacionada com as modificações que ocorrem nos campos laboral, ocupacional e familiar.

Nesta linha de pensamento, a literatura evidencia que este processo não depende apenas da idade cronológica e da componente genética, mas também de comportamentos

e contextos socioeconómicos e comunitários, que podem afetar diretamente o nosso comportamento e influenciar as nossas decisões (OMS, 2006).

Segundo Antunes (2015), a definição do envelhecimento pode ser compreendida com base em três subdivisões: envelhecimento primário, secundário e terciário. O envelhecimento primário ocorre em todas as pessoas e é determinado pela componente genética, verificando-se de forma gradual e progressiva e estando, também, associado a estilos de vida, Educação e posição social (Simões, 2006). O envelhecimento secundário caracteriza-se pela ocorrência de doenças não associadas ao processo normal de envelhecimento, mas associadas a fatores ambientais, culturais e sociais, ou seja, resultantes de influências externas (Antunes, 2015; Mota-Pinto *et al.*, 2019). Estes últimos autores afirmam que as causas do envelhecimento primário e secundário interagem e podem acelerar os processos básicos de envelhecimento. Por fim, o envelhecimento terciário é caracterizado por profundas perdas físicas e cognitivas associadas, não só resultantes dos efeitos do envelhecimento, mas também das patologias associadas (Antunes, 2015).

Numa outra perspetiva, importa clarificar as várias linhas de pensamento sobre o processo de envelhecimento. Na tradição francófona, este é visto como um fenómeno demográfico e biológico, que enfatiza a componente mais negativa do processo, caracterizando-o como ter mais idade. Por sua vez, na tradição anglo-saxónica, é investigado como um ciclo de vida, materializado na discriminação da idade (Carvalho, 2013).

Ao investigarmos o conceito de Envelhecimento, verificamos que se trata de um processo complexo, ao qual são inerentes várias teorias e modelos. Segundo Oliveira (2009), estas podem ser classificadas como biológicas (genéticas, celulares), psicológicas (cognitivas, psicossociais e emotivas) e sociais (antropológicas, construtivas e político-económicas). Contudo, independentemente da teoria adotada, torna-se evidente que envelhecer fará parte da vida de todos os indivíduos, sendo essencial promover a qualidade de vida e a participação social dos mais velhos. Apesar das alterações físicas, cognitivas e psicossociais que vão ocorrendo ao longo da vida, é crucial evitar situações de isolamento e potenciar a capacidade funcional dos mais velhos, possibilitando a sua cidadania ativa na sociedade (Simões, 2006).

Nos dias de hoje, com a introdução do conceito de Envelhecimento Ativo, estas abordagens têm sido ultrapassadas, valorizando-se a promoção da saúde e a visão holística (OMS, 2002). Assim, seguindo este raciocínio, Michel e Sadana (2017)

destacam a existência de três modelos de envelhecimento: o modelo do Envelhecimento saudável, do Envelhecimento bem-sucedido e, por último, do Envelhecimento Ativo.

O modelo do envelhecimento saudável caracteriza-se por uma visão biomédica, em que a existência ou não de doenças é fator determinante (Michel & Sadana, 2017; Simões, 2006). Por sua vez, o modelo de envelhecimento bem-sucedido valoriza os fatores biológicos, psicológicos e sociais como determinantes para que este processo decorra de forma normal ou patológica (Baltes, 1990). Este modelo refere que este processo depende da escolha dos indivíduos e da sua participação nas redes de suporte social e familiar, constituindo-se como fatores determinantes para a prevenção da doença e manutenção das funções cognitivas, ou seja, envelhecer está relacionado com o conceito de plasticidade comportamental, ao longo do ciclo de vida; Baltes (1990) defende, por isso, que como indivíduos, desenvolvemos capacidades para nos adaptarmos, de modo a atingirmos o bem-estar (Baltes, 1990).

Segundo a OMS (2002), o envelhecimento não se limita aos cuidados de saúde, mas também deve assegurar as questões sociais, valorizando e promovendo a saúde física e mental, reconhecendo que os idosos são membros ativos da sociedade e devem estar integrados nesta, definindo assim o conceito de Envelhecimento Ativo. Nesta linha de pensamento, consideramos pertinente estabelecer o seu enquadramento conceptual e a sua influência na qualidade de vida e no processo de inclusão de cada indivíduo.

2.1.1 QUALIDADE DE VIDA NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Parece-nos pertinente compreender o conceito de qualidade de vida, constatando-se, na atualidade, uma abordagem e caracterização deste fenómeno como algo mais amplo do que o simples controlo de sintomas e diminuição da mortalidade (Santos, Pereira & Teixeira, 2012), sendo um conceito que apresenta uma relação estreita com o envelhecimento ativo.

Segundo a OMS (1994), qualidade de vida é a perceção que o indivíduo tem da sua posição na vida, dentro do contexto da sua cultura e do sistema de valores em que vive, e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. É um conceito muito amplo que se encontra particularmente relacionado com a comunidade onde se inserem os indivíduos.

No que concerne ao conceito de qualidade de vida, Fernández-Ballesteros, Sánchez-Izquierdo e Santacreu (2021) abordam-no na terceira idade como forma não apenas de assegurar a satisfação das necessidades biológicas e do bem-estar físico, mas

também de assegurar um ambiente de segurança pessoal, um meio social que favoreça o relacionamento interpessoal e o desenvolvimento cultural, promotores da estabilidade psicológica e integração social. Entendida nesta perspectiva holística, a qualidade de vida constitui-se como uma condição decisiva para o desenvolvimento humano (Izquierdo *et al.*, 2021).

Neste âmbito, urge a necessidade de promover a qualidade de vida destes indivíduos, de estimular as suas aprendizagens, a participação e o envolvimento nos vários contextos sociais, uma vez que, assim, é possível mantê-los ativos e integrados no meio familiar, social e cultural (Izquierdo *et al.*, 2021). Não obstante, em nosso entendimento, tal só é possível com a conceção de políticas públicas que promovam programas educativos, possibilitando o acesso dos idosos a conhecimentos que melhorem as suas condições de saúde física e psicológica e o estabelecimento de relações interpessoais (Siegel & Dorner, 2017), potenciando as suas capacidades (Antunes 2015).

Segundo Gil (2007), o envelhecimento envolve diversos fatores, que devem estar interligados, sendo eles a manutenção da capacidade funcional, da independência financeira, da afeição familiar, do convívio social e das condições ambientais. Refira-se que, tal como Gil (2007), Piedade (2017) considera que a ocupação ou atividade voluntária de idosos na sociedade condiciona uma manutenção da sua autonomia e participação social, pelo facto de se manterem socialmente ativos, afastando-se a ideia de inutilidade, o que vai promover o bem-estar e qualidade de vida de cada idoso.

Neste âmbito, constata-se que a Educação prepara as pessoas para a participação coletiva, com vista à resolução dos seus problemas (Piedade, 2017), tornando-se emergente, nas sociedades desenvolvidas e face às novas realidades e perceções, implementar programas e projetos educativos dirigidos aos adultos e idosos, promovendo a Educação, a capacitação e a participação dos indivíduos de forma ativa na comunidade (Antunes, 2015; Izquierdo *et al.*, 2021).

Sendo o envelhecimento um processo multidimensional, tal como já foi mencionado anteriormente, em que se verificam alterações no que respeita à socialização e o aumento do risco de exclusão, torna-se premente a implementação e adoção de políticas públicas que incentivem a interação social, através da família e de grupos sociais, evitando situações de exclusão. Num outro entendimento, mas simultaneamente enquadrável na discussão em curso, Mateus e Alves (2018) consideram existir uma relação direta entre o envelhecimento e a carência de recursos sociais e psicológicos, sendo prioritária a atuação, por parte das organizações formais e informais, de modo a

desempenharem um papel mais ativo neste processo de inclusão e participação social. Estas considerações suportam igualmente a necessidade de recrutar novas formas de promoção do Envelhecimento Ativo, sendo importante conhecer o contributo de novos fenómenos educativos, entre os quais a Educação e Literacia Mediáticas.

2.2. EDUCAÇÃO E LITERACIA MEDIÁTICAS NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Consideramos essencial abordar o conceito de Educação e a sua pertinência no processo de envelhecimento. Amado (2017) considera que a Educação pode ser caracterizada como um caminho de aperfeiçoamento, que os membros de uma determinada comunidade desenvolvem, com interação entre si, contribuindo para o desenvolvimento individual, social e cultural. Neste particular, a Educação potencializa o indivíduo para adquirir um património espiritual, material e de competências várias, que resulta numa atividade dinâmica, promovendo-se assim a socialização. E esta socialização torna-se efetivamente fundamental no relacionamento e desenvolvimento humanos, sendo essencial para a promoção do bem-estar e qualidade de vida dos indivíduos (Bulger & Davison, 2018). Numa outra perspetiva, a Educação deve ser vista como um processo de coesão, respeitando a diversidade e a especificidade de cada um, possibilitando a sua inserção na comunidade e evitando situações de exclusão social, reconhecendo-se na Educação um processo essencial neste âmbito de coesão (UNESCO, 1998).

Nesta linha de pensamento e segundo o entendimento de Antunes (2015), o envelhecimento tem associada uma vertente educativa, que se vai desenvolvendo ao longo da vida, devido a diferentes agentes educativos, formais e não formais, assentes nas premissas do saber (conhecimentos), do saber fazer (habilidades) e do saber ser (atitudes) que permitam e promovam a qualidade de vida.

De acordo com o *Manual para a medição da equidade na educação*, apresentado pela UNESCO (2019), o processo educativo é um direito humano fundamental, ao assumir-se que seja participativo e equitativo, com o propósito de promover sociedades inclusivas. Este torna-se crucial para o bem-estar das pessoas e para o desenvolvimento social, considerando-se, numa perspetiva mais ampla, que maiores níveis de Educação estão associados a melhor qualidade de vida.

No que concerne à Literacia Mediática, o conceito foi utilizado pela primeira vez por Marshall McLuhan, em 1965 (Akbarinejad, Soleymani & Shahrzadi, 2017), como

uma preocupação inerente à condição humana, sendo atualmente considerada uma área relevante de estudo (Bulger & Davison, 2018; Buckingham, 2008).

A Literacia Mediática representa uma temática transversal, ao atrair uma ampla gama de pessoas, sejam pais, sejam educadores, sejam decisores políticos, sejam académicos (Potter, 2010), considerando-se que a forma como é apresentada tem consequências para o enquadramento do debate, a agenda de investigação e as iniciativas políticas (Christ & Potter, 1998; Livingstone, 2004).

Por outro lado, constitui-se igualmente como um recurso essencial no suporte dos indivíduos que se acredita poderem ser de certa forma vulneráveis, por exemplo, aos efeitos negativos da exposição às diferentes formas de comunicação mediática. A este respeito, importa mencionar que um estudo que assente num plano de intervenção e com o propósito da Literacia Mediática deve exibir quatro características claramente bem definidas: um agente, um alvo, um tratamento e um resultado esperado (Potter & Byrne, 2007).

Tendo como ponto de partida um enquadramento teórico do conceito de Educação, questionamo-nos sobre se será desejável e aceitável uma Literacia Mediática sem a interferência de um processo educativo formal. Esta nossa inquietação prende-se com a forma de se perceber a função da Educação no contexto global e, numa ótica mais restrita, de relacionarmos o conceito com as atuais exigências dos indivíduos na vida em sociedade cada vez mais envelhecida, assente numa perspetiva de cariz individual (Matos, Festas & Seixas, 2016).

Nesta linha de pensamento, nas últimas décadas, e em alinhamento com o facto de a Literacia Mediática se ter tornado um elemento importante no desenvolvimento de uma cidadania mais crítica e responsável, a Educação Mediática tornou-se um pilar central na formação dos cidadãos do novo século, promovendo um uso inteligente da comunicação mediática (Aguaded, 2016).

Adicionalmente, e a par de um conjunto de características que influencia a forma de ser e estar na sociedade e no Mundo por parte de cada cidadão (Calleja, 2008), constata-se diversas formas de comunicação mediática, em que a transição para a digitalização imprimiu claramente um maior significado, potencializando igualmente uma maior atenção e reflexão da comunidade científica (Matos *et al.*, 2016). Neste âmbito, desde a difusão da computação pessoal na década de 1980 e a expansão da *World Wide Web* na

década de 1990, a tecnologia digital tem sido um catalisador para a mudança social nas sociedades contemporâneas. Muitos investigadores, instituições e profissionais argumentam que, ao mesmo tempo, todo o sistema mediático adotou as novas tecnologias digitais e se adaptou a estas (Scolari, Masanet, Guerrero-Pico & Establés, 2018).

Descrita como um processo que envolve competência ou qualidade promotoras de um pensamento crítico individual por meio das informações recebidas pelas diversas formas de comunicação (Bulger & Davison, 2018; Buckingham, 2008), a Literacia Mediática contribui assim para uma cidadania mais participativa e responsável (Aguaded, 2016) e abrange um conjunto transversal de áreas da sociedade que incluem a literacia de adultos, de idosos, de saúde, assim como áreas relacionadas com a reintegração e coesão sociais, condicionando diferentes formas de abordagem e intervenção (Verniers, 2009) e permitindo ao indivíduo o fortalecimento, a capacitação e a sua autonomia individual (Bonaccorsi *et al.*, 2019), com implicações positivas na sua forma de viver em sociedade e numa perspetiva mais geral da própria qualidade de vida (Sørensen *et al.*, 2012).

Ao constatar-se esta abrangência de setores da sociedade que se constituem como o objeto de intervenção da Literacia Mediática, é amplamente discutida na comunidade científica a importância de incrementar novas metodologias na apresentação aos indivíduos, que terá repercussões positivas no que diz respeito ao bem-estar social.

Neste âmbito, urge a necessidade de uma profunda reflexão acerca da criação de políticas com função reguladora (Buckingham, 2008), assim como acerca da relação entre diferentes setores, tais como a atividade política, comunicação social, Educação e investigadores, numa tentativa de se analisar e compreender os diferentes contributos que daí possam advir (Bulger & Davison, 2018).

Em nosso entendimento, é premente reconhecer a Literacia Mediática como um fenómeno educativo que ambicione realizar o exercício de um conjunto de ações caracterizadoras de sociedades democráticas, promotoras de justiça social, cidadania participativa e crítica, reconhecendo a autonomia de todos os indivíduos, independentemente da idade (Kasap & Gürçınar, 2018).

Nesta linha de pensamento, questionamo-nos acerca da importância da Literacia Mediática num sentido de valorização da pessoa idosa, numa perspetiva positiva e que promova uma cidadania mais ativa na sua vida em sociedade (Nunes, 2015), materializada na sua participação crítica e autonomia individual. Associando-se como

imperativo ético, moral e social, com o objetivo de se promover uma melhor qualidade de vida das pessoas idosas (Lima *et al.*, 2011), o Envelhecimento pode ser influenciado positivamente por um conjunto de intervenções associadas à Literacia Mediática que se encontram em debate atualmente na comunidade científica. A associação entre Educação e comunicação intergeracionais parece constituir-se como uma das ferramentas úteis no âmbito da Literacia Mediática em pessoas idosas, que importa considerar (Petrella, Pinto & Pereira, 2014).

O pensamento e a forma de conceção ou reformulação de políticas educativas neste âmbito constituem-se pertinentes, pela complexidade da própria temática. Ao ser associada a questões sociais ou educacionais, cidadania, capacitação, fortalecimento, inclusão, individualização, inovação e pensamento crítico (Buckingham, 2008), torna-se importante a criação de uma cultura de Literacia Mediática, assente numa conduta valorativa, responsável e ética (Borges & García-Quismondo, 2017).

Conclusão

Este artigo constituiu-se como um elemento importante na reflexão de diversos aspetos inerentes à temática em estudo. Ao considerarmos que os objetivos enunciados para a sua realização serviram de guia orientador para a pesquisa e discussão com os diversos autores, destacamos um conjunto de ideias a reter, que importa clarificar.

Num planeta cada vez mais globalizado, mais digital, profundamente marcado pela superficialidade dos contactos sociais em detrimento da sua humanização, é premente uma análise profunda da atual e futura existência dos indivíduos, nos mais diversos espaços e contextos de vida, e concretamente relacionada com o processo de Envelhecimento humano.

Consideramos a pertinência deste documento em duas vertentes. A primeira está relacionada com o conhecimento da Literacia Mediática, como fenómeno educativo que importa ser assumido pela comunidade científica como um elemento adicional no pensamento teórico das comunidades. A segunda vertente tem uma natureza mais reflexiva, pois foi possível estabelecer-se uma reflexão acerca da temática em estudo, contribuindo para tal os pressupostos teóricos defendidos por cada um dos autores colocados em discussão.

Num domínio mais amplo, destacamos a presença do pensamento crítico em torno da sociedade, e direcionado para a área de estudo, na ótica do processo de Envelhecimento. É efetivamente uma questão importante e que se deve fazer sentir na

atualidade. Nesta perspectiva, e remetendo para o pensamento teórico inerente ao conceito de Educação, urge a necessidade de debater as características da cidadania nas sociedades, condicionada por avanços nos mais diversos campos, nos últimos tempos. É crucial a criação de uma cidadania que assuma uma postura crítica, defensora dos direitos humanos, e que possa agir de forma construtiva nas comunidades, demonstrando ser algo muito útil e perspectivando uma capacidade de transformação pessoal e social, de forma a interagir sobre o ambiente e promovendo a inclusão de todos os indivíduos na sociedade, independentemente da idade.

Referências Bibliográficas

- Aguaded, I. (2016). Perspectives on Media Literacy. *Journal of Media Literacy*, 63, 8-9.
- Akbarinejad, F., Soleymani, M. & Shahrzadi, L. (2017). The relationship between media literacy and health literacy among pregnant women in health centers of isfahan. *Journal of Education and Health Promotion*, 6. <http://dx.doi.org/10.4103/2277-9531.204749>.
- Alcoforado, L. (2014). Uma Educação para todos, ao longo e em todos os espaços da vida: desafios para a construção de políticas públicas promotoras de uma cidadania planetária crítica e ativa. In M. F. da Silva, *Mundos distantes, diálogos possíveis: a vida em Mosaico* (pp. 14-34). Ideia.
- Amado, J. (2017). *Manual de investigação qualitativa em educação* (3.^a ed.). Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-0879-2>.
- Antunes, M. C. (2015). Educar para um Envelhecimento bem-sucedido: Reflexões e propostas de ação. *Teoria de La Educacion. Revista Interuniversitaria*, 27(2), 185-201. <http://dx.doi.org/10.14201/teoredu2015272185201>.
- Baltes, M. & Carstensen, L. (1996). The process of successful ageing. *Ageing and Society*, 16(4), 397-421. <https://doi.org/10.1017/S0144686X00003603>.
- Biesta, G. (2018). O dever de resistir: Sobre escolas, professores e sociedade. *Educação*, 41(1): 21-29. <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2018.1.29749>.
- Bonaccorsi, G., Pieralli, F., Innocenti, M., Milani, C., Marco, D. R., Donzellini, M., . . . Lorini, C. (2019). Health literacy among non-familial caregivers of older adults: A study conducted in tuscany (italy). *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(19). <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph16193771>.
- Borges, J. & García-Quismondo, M. Á. M. (2017). Competencias en información y en comunicación: Desarrollo conceptual a partir de la new media literacy. *Revista*

- interamericana de Bibliotecología*, 40(1), 35-43.
<http://dx.doi.org/10.17533/udea.rib.v40n1a04>.
- Buckingham, D. (2008). Defining digital literacy – What do young people need to know about digital media? In C. Lankshear & M. Knobel (Eds.), *Digital literacies: Concepts, policies and practices* (pp. 17-32). Peter Lang.
- Bulger, M. & Davison, P. (2018). The promises, challenges, and futures of media literacy. *Journal of Media Literacy Education*, 10(1), 1-21.
<https://doi.org/10.23860/JMLE-2018-10-1-1>.
- Calleja, J. M. (2008). Os professores deste século. Algumas reflexões. *Revista institucional Universidad Tecnológica del Chocó*, 27(1), 109-117.
<https://doi.org/10.18636/biodesarrollo.v27i1.442>.
- Carvalho, M. I. (2013). Social work and intervention with older people in Portugal: a critical point of view. *European journal of Social Work*, 17(3), 336-352.
<https://doi.org/10.1080/13691457.2014.905459>.
- Christ, W. G. & Potter, W. J. (1998). Media literacy, media education, and the academy. *Journal of Communication*, 48, 5-15. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1998.tb02733.x>.
- Fechine, B. R. A. & Trompieri, N. (2012). O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. *Revista científica internacional*, 1(7), 106-132. <https://doi.org/10.6020/1679-9844/2007>.
- Fernández-Ballesteros, R., Sánchez-Izquierdo, M. & Santacreu, M. (2021). Active aging and quality of life. In F. Rojo-Pérez & G. Fernández-Mayoralas (Eds.), *Handbook of active ageing and quality of life. International handbooks of quality-of-life*. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-030-58031-5_2.
- Gil, A. (2007). Envelhecimento activo: complementariedades e contradições. *Revista sociológico*, 17(2), 25-36. <https://doi.org/10.4000/sociologico.1609>.
- Instituto Nacional de Estatística. (2021). *Censos 2021 – Divulgação dos resultados provisórios*. https://censos.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html.
- Instituto Nacional de Estatística. (2020). *Estatísticas demográficas – 2019*. ISBN 978-989-25-0535-0. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE &xpgid=ine_main.
- Izquierdo, M., Merchant, R. A., Morley, J. E., Anker, S. D., Arahamian, I., Arai, H., ... Fiatarone Singh, M. (2021). International exercise recommendations in older adults (ICFSR): Expert consensus guidelines. *The journal of nutrition, health & aging*, 25(7), 824-853. <https://doi.org/10.1007/s12603-021-1665-8>.

- Kasap, F. & Gürçınar, P. (2018). Social exclusion of life in the written media of the disabilities: The importance of media literacy and education. *Quality and quantity*, 52(1), 557-571. <http://dx.doi.org/10.1007/s11135-017-0635-z>.
- Lima, M. P., Oliveira, A. L. & Godinho, P. (2011). Promover o bem-estar de idosos institucionalizados: Um estudo exploratório com treino em mindfulness. *Revista portuguesa de Pedagogia*, 45(1), 165-183. https://doi.org/10.14195/1647-8614_45-1_9.
- Livingstone, S. (2004). Media literacy and the challenge of new information and communication technologies. *The Communication review*, 7. <http://doi.org/10.1080/10714420490280152>.
- Mateus, M. N. & Alves, T. (2018). Perceção dos idosos autónomos face ao seu próprio envelhecimento. *Eduser: Revista de Educação*, 10(1), 69-88. <https://doi.org/10.34620/eduser.v10i1.107>.
- Matos, A. P. M., Festas, M. I. & Seixas, A. M. (2016). Digital media and the challenges for media education. *Applied technologies and innovations*, 12(2), 43-53. <http://dx.doi.org/10.15208/ati.2016.04>.
- Michel, J. P. & Sadana, R. (2017). "Healthy Aging" Concepts and Measures. *Journal of the american Medical Directors Association*, 18(6), 460-464. <https://doi.org/10.1016/j.jamda.2017.03.008>.
- Mota-Pinto, A., Rodrigues, V., Santos-Rosa, M., & Oliveira, C. R.. (2019). Envelhecimento – da epidemiologia à Fisiopatologia In A. Mota Pinto, M. Teixeira Veríssimo & J. Malva (Eds.), *Manual do cuidador* (pp- 38-50). Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Nunes, L. (2015). Olhares bioéticos para o envelhecimento dos documentos produzidos pelos Conselhos de Ética. *Revista ibero-americana de saúde e envelhecimento*, 1(2), 234-260.
- Oliveira, J. H. B. (2009). *Psicologia do envelhecimento e do Idoso*. Legis Editora.
- Organização Mundial de Saúde. (2002). *Envelhecimento ativo. Um projeto de política de saúde*. http://www.crdeunati.uerj.br/doc_gov/destaque/Madri.doc.
- Petrella, S., Pinto, M. & Pereira, S. (2014). O idoso e a educação para os Media. Novos desafios entre envelhecimento e exclusão social. In M. L. Martins & J. Veríssimo (Eds.), *Atas do 8.º Congresso da Sopcom: Comunicação global, cultura e tecnologia* (pp. 150- 155). Escola Superior de Comunicação Social.

- Piedade, B. (2017). A educação e o desenvolvimento comunitário como alavanca crucial para a coesão social. *Revista de Ciências da Educação*, 39(19). <http://dx.doi.org/10.19091/reced.v1i39.641>.
- Potter, W. J. (2010). The state of media literacy. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 54, 675-696. <http://dx.doi.org/10.1080/08838151.2011.521462>.
- Potter, W. J. & Byrne, S. (2007). What are media literacy effects? In S. R. Mazzarella (Ed.), *20 questions about youth and the media*. Peter Lang.
- Reis, C. S. (2013). Dos desafios im/possíveis da pós-modernidade à reconstrução dos referentes educacionais. In M. Formosinho, J. Boavida & H. Damião, *Educação: Perspetivas e desafios*. Imprensa da Universidade de Coimbra. http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0767-2_7.
- Santos, A., Pereira, E. & Teixeira, C. (2012). Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. *Revista brasileira de Educação Física e Esporte*, 26(2), 241-250. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092012000200007>.
- Scolari, C., Masanet, M., Guerrero-Pico, M. & Establés, M. (2018). Transmedia literacy in the new media ecology: Teens' transmedia skills and informal learning strategies. *El profesional de la informacion*, 27, 801. <https://doi.org/10.3145>.
- Sequeira, C. (2010). *Cuidar de idosos com dependência física e mental*. Lidel.
- Siegel, C. & Dorner, T. E. (2017). Information technologies for active and assisted living- Influences to the quality of life of an ageing society. *International journal of medical informatics*, 100, 32-45. <https://doi.org/10.1016/j.ijmedinf.2017.01.012>.
- Simões, A. (2006). *A nova velhice: Um novo público a educar*. Ambar.
- Sørensen, K., Van den Broucke, S., Fullam, J., Doyle, G., Pelikan, J., Slonska, Z. & Brand, H. (2012). Health literacy and public health: A systematic review and integration of definitions and models. *BMC Public Health*, 12(80). <http://dx.doi.org/10.1186/1471-2458-12-80>.
- UNESCO. (1998). *Declaração mundial sobre educação para todos: Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem*. <http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>.
- UNESCO. (2019). *Manual para a medição da equidade na educação. Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura*. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368710>.

- Verger, A. (2019). A política educacional global: Conceitos e marcos teóricos chave. *Práxis Educativa*, 14(1), 9-33. <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/12987>.
- Verniers, P. (2009). *Media literacy in Europe – Controversies, challenges and perspectives*. EuroMeduc.